

O RISCO COMO HERANÇA E LEGADO

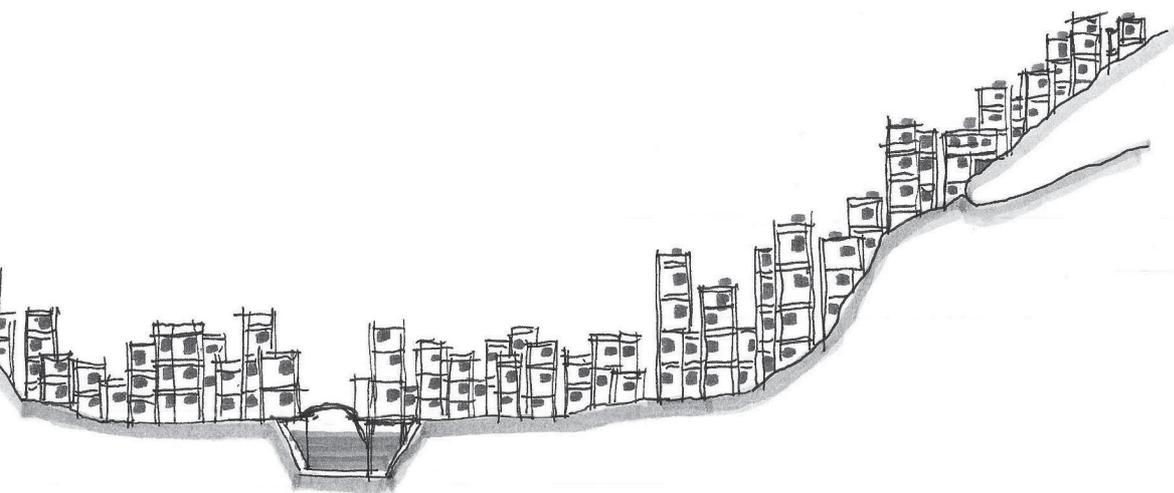
A revista *Oculum* números 9-10 abre espaço, entre suas páginas, para a publicação de uma série de desenhos meus feitos em momentos e contextos diversos. São croquis feitos durante reuniões, discussões e reflexões sobre questões urbanas e humanas. Alguns traços surgiram de acalorados debates no desenvolvimento de projetos, planos, concursos e pesquisas; outros registros são fruto de uma ação ágil na tentativa de congelar nosso olhar: deixar registrada alguma reflexão ou sentimento.

O desenho como registro, a imagem como memória, o traço como pensamento, o risco como expressão ou o croqui como linguagem são percursos hipotéticos que poderiam ser explorados neste pequeno texto. Entretanto, ao invés de elaborar um texto que teorize o ato de desenhar, procura-se traduzir em palavras, desenhadas pela escrita, o significado e o uso da linguagem pela qual o arquiteto urbanista elabora o pensamento e se comunica com o mundo.

Trata-se de registrar o risco, que não costuma ter a pretensão de servir a algo, mas simplesmente atender a utilidade que o gerou. Parte-se então de uma necessidade motivada por um claro objetivo: a intenção do convencimento, o desespero de revelar algo, a superação de outros recursos linguísticos, a incapacidade de preservar lembranças ou a possibilidade da elaboração da síntese. Tudo na tentativa de responder as intrínsecas limitações humanas.

A arrogância de valorar o belo não faz parte do processo de elaboração de um croqui. Interessa o recado e não o efeito. O rabisco procura apenas trabalhar com a realidade que ora convence e ora desaponta seu interlocutor. Costuma trair seu criador, comete injúrias, falseia a realidade, engana a memória, jura verdades contestáveis. O desenho é uma mentira e por ser infiel permite-se questionar a realidade.

O rabisco, portanto, apresenta-se como um instrumento revolucionário, não tem fronteiras nem materialidade única. Pode ser filho da lapiseira e do papel, da areia e do dedão do pé, da lata de spray e do muro, da tela e do mouse, da gestualidade e do espaço. Os gêneros se confundem, são indiscriminadamente suporte e ator. Desenho e desenhado, visíveis ou não, são matérias na elaboração do pensamento e na construção do argumento.



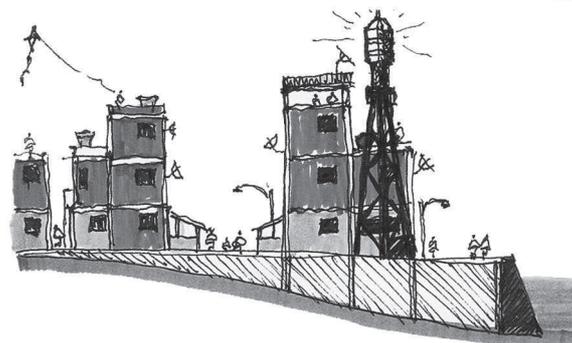
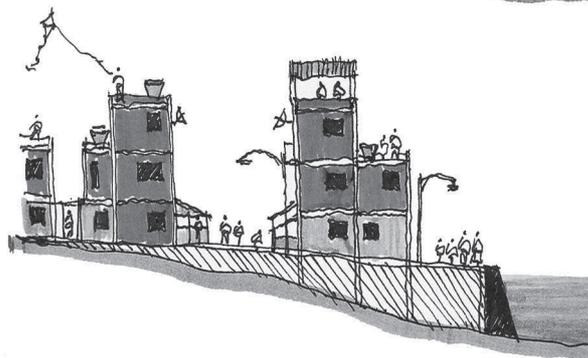
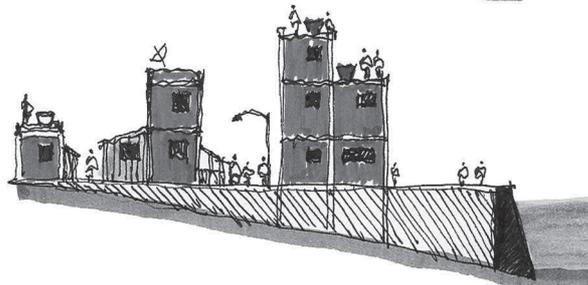
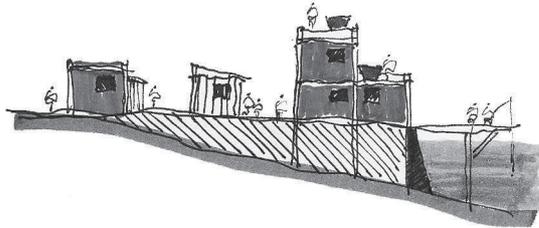
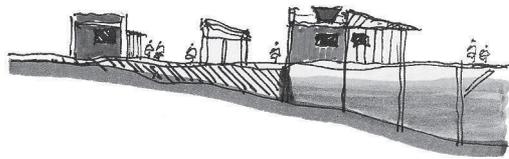
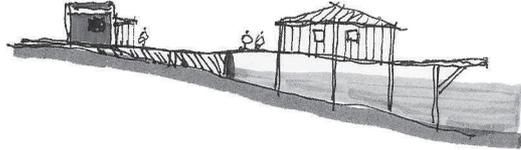
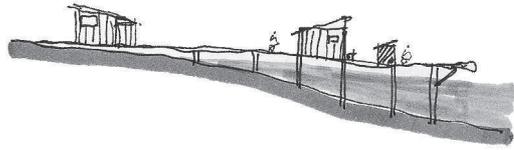
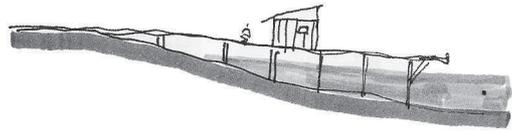
Penso, logo desenho ou penso quando desenho? Em todos os seus detalhes, o risco organiza o pensamento: a estrutura territorial se evidencia, o processo de ocupação desnuda suas diferentes faces, as conexões são identificadas, o interesse é revelado. Tudo se torna explícito para quem desenhou, com diferentes significados para o observador. Não se trata de um limite da linguagem, pois todas as mensagens estão abertas a inúmeras interpretações. O desenho não delimita, ao contrário: imagina, questiona, estabelece novas conexões e por isso provoca o ato criador.

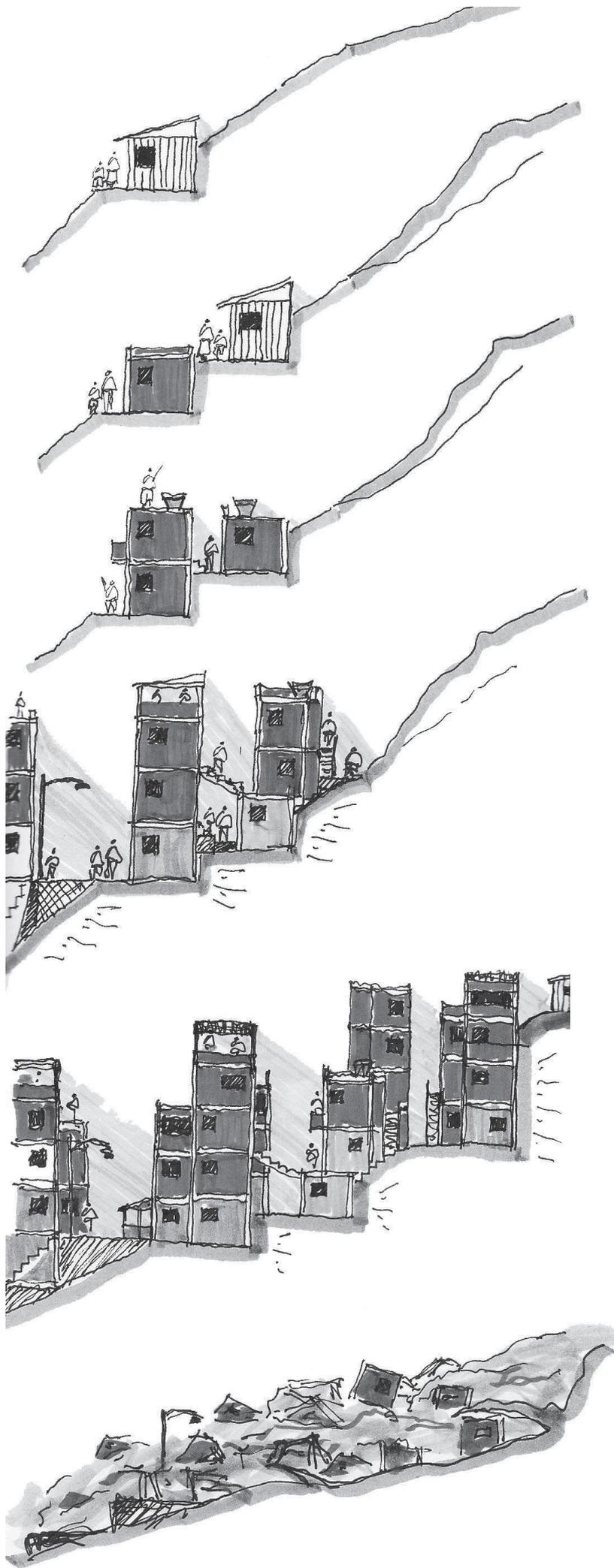
A Espessura, a Cor, a Textura: diversos elementos que carregam específicas intenções. Se a Espessura do traço é a lente da profundidade, simultaneamente, cria hierarquia e estabelece prioridade. Se a Cor só não amedronta as crianças, por sua vez materializa nossa cultura em significados estabelecidos desde o início da nossa relação com o mundo. Se a Textura conquista significação, para contá-la são inevitáveis calma e respiração constante.

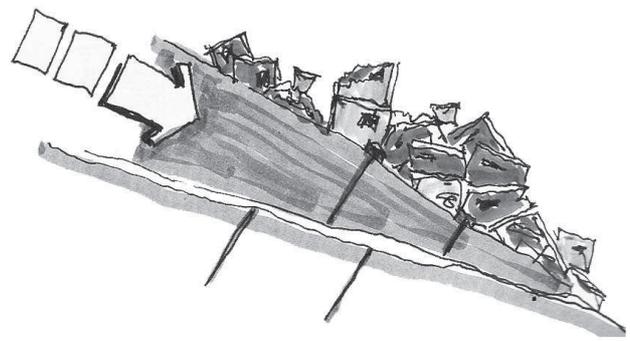
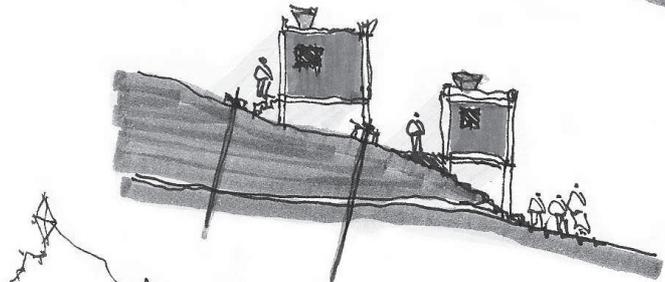
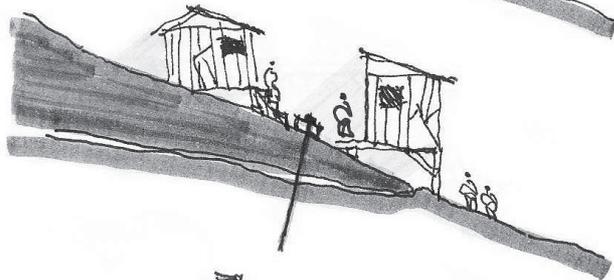
Desenho é um ser inconsequente. É amigo do erro. Tem algo de Saci. Quer brincar com o pensamento alheio, mas é limitado, defeituoso. Some sem avisar. Não revela tudo sempre. Gosta de fazer rir, pregar peças. Não se leva a sério, mas com seriedade representa a sociedade, seus desejos e suas contradições.

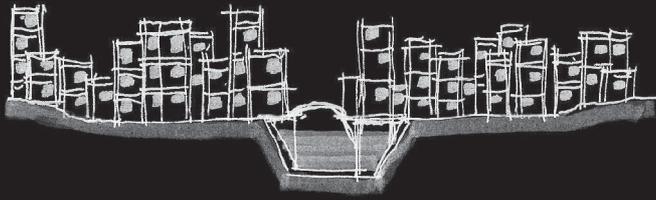
Sentimentos encontram-se escondidos no risco. Sempre guarda a lembrança do ato. A memória se rejuvenesce ao se deparar com as linhas e manchas que guardam o dia, a hora, a luz, a temperatura, o perfume e o estado de espírito de seu criador. Por isso croquis são carregados de magia e possibilitam maquinar o tempo: volta-se ao passado e projeta-se o futuro.

Nada do que escrevo o leitor provavelmente perceberá em rabiscos alheios. A ação é necessária. O presente texto é um convite a experimentar outra linguagem, que não passa pelo limite dos idiomas nem pela determinação de idades. Uma linguagem humanamente universal e contraditoriamente individual.

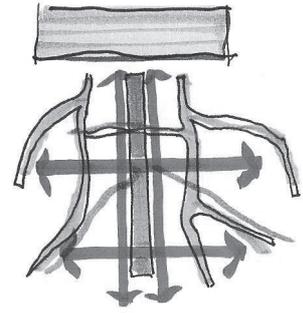




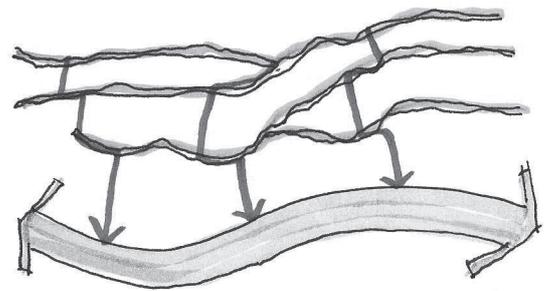




ALAGADOS



ENCOSTAS



MORROS

